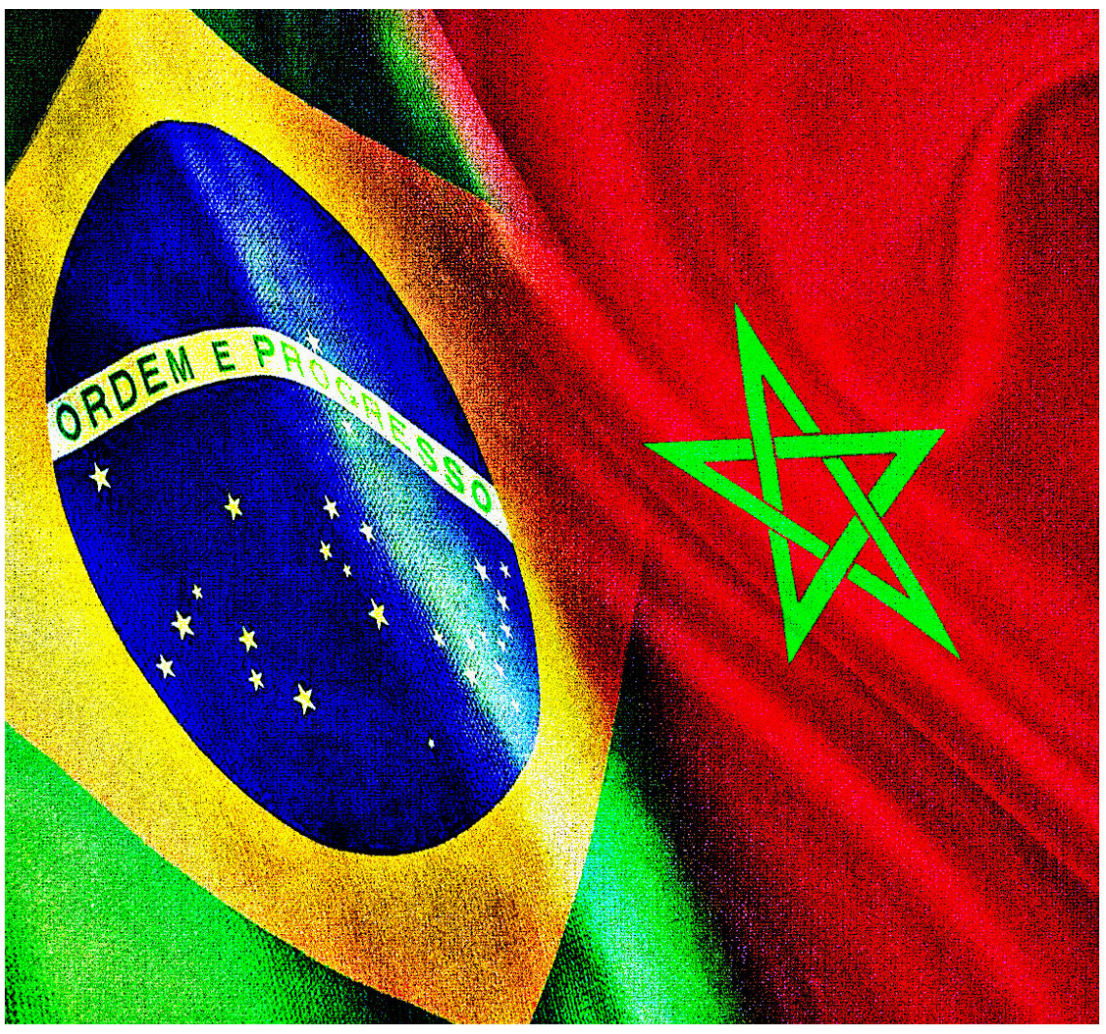
LIDE FORUM

Novo caminho entre Brasil e Europa

Embaixador brasileiro Alexandre Parola destaca integração entre Brasil e porto Tanger Med como rota para África, Europa e Oriente Médio, em evento do Lide

» ROSANA HESSEL
» ENVIADA ESPECIAL



Marrakech, Marrocos – Brasil e Marrocos possuem um grande potencial de integração logística, de acordo com o embaixador do Brasil em Marrocos, Alexandre Parola. Nesse sentido, o diplomata considera o porto Tanger Med, ao norte do Marrocos, um importante destino para ser considerado pelos exportadores brasileiros de produtos industrializados, embarcados em contêineres, com destino aos vizinhos africanos, ao continente europeu ou até mesmo para o Oriente Médio.

"O porto é moderno, eficiente e de alto calado — calado é a designação dada à profundidade a que se encontra o ponto mais baixo da quilha de uma embarcação —, com acesso aos mercados europeu, africano e do Oriente Médio. Não tem como não estarmos presentes em Tanger Med", afirmou Parola, em entrevista ao **Correio**. Ele ressaltou que Tanger Med pode ser uma alternativa ao porto de Roterdã, na Holanda, encurtando a viagem, em média, dois dias e meio a três dias, reduzindo custos da viagem e na operação portuária.

"Para o exportador que usa Roterdã como transbordo para a Europa, por exemplo, Tanger Med é uma alternativa mais curta para a Europa, porque está a 14km da Espanha", disse o diplomata. Ele relatou que visitou as instalações do porto da cidade de Tânger e ficou impressionado com a infraestrutura, além do fato de que há uma zona industrial importante onde grandes empresas estão instaladas, como Airbus, Boeing e Renault, e que acabam exportando para a Europa. "Hoje, por exemplo, 20% dos carros da Renault que circulam na França são produzidos aqui. O país é o segundo maior produtor de veículos na África. Não há razão para o Brasil não estar presente em Tanger Med", ressaltou.

Na avaliação de Parola, o acordo de cooperação e facilitação de investimentos entre Brasil e Marrocos, promulgado em janeiro deste ano pelo Congresso, cria condições favoráveis para alavancar investimentos e explorar o potencial do porto Tanger Med.

"Esse acordo abre portas de investimentos, e o futuro está em construção", disse Parola, na quarta-feira (9), em palestra no Lide Brazil-Morocco Forum, realizado em Marrakech, Marrocos, pelo Grupo de Líderes Empresariais, do ex-governador de São Paulo, João Doria.

Há dois anos à frente da embaixada brasileira no país africano, o embaixador reforçou que existe muita convergência entre as duas economias no agronegócio, no turismo e na logística. Segundo o diplomata, desde a retomada dos voos diretos de São Paulo a Casablanca, há três meses, o número de turistas brasileiros no Marrocos aumentou 48%. "A primeira coisa que eu fiz aqui quando cheguei foi conversar com o presidente da Royal Marrocos e falei para eles retomarem os voos diretos para o Brasil", afirmou.

O diplomata ainda destacou que o Brasil é o segundo maior importador de fertilizantes do Marrocos, atrás dos Estados Unidos, e há potencial para o país passar para o primeiro lugar devido à expansão do agronegócio nacional e da ampliação do uso das áreas degradadas, que somam várias dezenas de milhões de hectares pelo país. Pela proposta do governo, produtores interessados em comprar ou arrendar terras degradadas poderão acessar um novo fundo do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) com juros mais baixos em troca de melhorias e investimentos na produção local.

Gigante internacional na área de fertilizantes, a OCP Nutricrops tem planos de ampliar a operação no Brasil, de acordo com Leonardus Vergütz, executivo-chefe de pesquisa (CCO) do grupo marroquino. Segundo ele, o país africano detém 70% das reservas de fosfato do mundo, com melhor qualidade e concentração e, portanto, mais benéfico para as plantas. "O fosfato é muito importante para recuperar solos do Brasil, que são pobres desse nutriente", explicou o executivo ao **Correio**. Segundo ele, a OCP iniciou conversas com autoridades do Pará para investir no país.

O embaixador brasileiro reforçou que o Brasil pode ser tornar uma porta de entrada dos negócios do Marrocos na América do Sul e uma fábrica de fertilizantes da OCP no Brasil é estratégica para o desenvolvimento do agronegócio, que tem buscado diversificar os fornecedores, em meio à crise gerada por conta da guerra entre Rússia e Ucrânia.

Alexandre Parola lembrou que o Brasil é um dos maiores produtores globais de alimentos e importa 90% do fertilizante utilizado nas lavouras. "O Brasil sempre foi um grande comprador de fertilizante e tem comprado ainda mais agora. Há um esforço do país para ter uma produção local de fertilizantes, porque depender do exterior em 90% é um risco estratégico, e, portanto, o Marrocos é um parceiro importante nessa área", afirmou.

Comércio bilateral

As trocas comerciais entre Brasil e Marrocos ainda são tímidas, pois resultam de uma corrente de comércio de US$ 1,2 bilhão no acumulado do primeiro semestre do ano, mas com crescimento de 19% em comparação ao mesmo período de 2024, conforme dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic).

De janeiro a junho, as exportações do Brasil para o Marrocos encolheram 12,1% na comparação com o ano anterior, para US$ 401,3 milhões. Já as importações saltaram 43,7%, para US$ 824,7 milhões, resultando em um saldo comercial negativo de US$ 423,4 milhões. Adubos e fertilizantes químicos dominam a pauta comercial, respondendo por 83% das importações brasileiras do país africano. "Nos últimos meses, a exportação brasileira de gado vivo aumentou 500%", destacou Parola.

Com uma população menor do que o estado de São Paulo, o Marrocos deve crescer a passos mais largos do que os da taxa de expansão do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil. Em 2024, enquanto o PIB brasileiro avançou 3,4%, o PIB marroquino ficou em 3,2%, e, neste ano, pelas projeções do Fundo Monetário Internacional (FMI), o PIB do Brasil vai avançar 2% e o do Marrocos, 3,9%, ou seja, quase o dobro.

João Doria, do Lide, destacou as oportunidades entre os dois países em diversas áreas, inclusive, na transição energética, lembrando da realização da 30ª Conferência sobre Mudanças Climáticas da Organização das Nações Unidas (ONU), que será realizada em novembro no Brasil. "Os marroquinos são como os brasileiros. Apreciam as relações entre as pessoas e reconhecem valores humanos nas realizações e esse fórum com amigos do Marrocos engrandecem o nosso encontro", afirmou.

No almoço de encerramento do evento, Doria criticou a polarização do país e defendeu a busca de parcerias comerciais do Brasil com outros países, sem a ideologização que vem dividindo o país. "Não faltam interesses. Por que não procurar negócio em vez de confronto?", reforçou ele, que, no mês que vem, realizará novo fórum do Lide na Índia, hoje o país mais populoso do mundo e com crescimento do PIB mais acelerado do que a maioria dos países emergentes.

* A jornalista viajou a convite do Lide

Comércio bilateral

O Marrocos é o 51º maior destino das exportações brasileiras e a 29ª origem de produtos importados pelo Brasil

Dados acumulados de janeiro a junho - em US$ milhões

Importações		Exportações	
2014	521	2014	221
2015	331	2015	178
2016	256	2016	204
2017	388	2017	313
2018	306	2017	200
2019	388	2019	193
2020	504	2020	270
2021	574	2021	211
2022	1.260	2022	492
2023	719	2023	524
2024	574	2024	456
2025	825	2025	401

Principais produtos exportados (De janeiro a junho)	
Açúcares e melaços	49%
animais vivos, não incluídos pescados ou crustáceos	23%
Milho não moído, exceto milho doce	10%

Principais produtos importados (De janeiro a junho)	
Adubos ou fertilizantes	83%
Químicos inorgânicos, óxidos e sais de halogênios	5,7
Demais produtos da indústria da transformação	4,7%

Fonte: Secex/Mdic

Brasil S/A

por Antonio Machado

machado@cidadebiz.com.br

"Política" externa

No mundo em que corre solta uma matilha de pitbulls sem guia nem focinheira, recomenda a prudência não os provocar, de preferência nem passar perto, nem parecer fofinho, que aí é que atacam mesmo.

Foi o que o presidente Lula vinha fazendo e recrudesceu na cúpula dos BRICS+, ao atacar o unilateralismo tarifário dos EUA de Donald Trump e o dólar como moeda dominante. Tomamos uma mordida mais por isso que pelas razões alegadas por Trump numa carta enviada a Lula pela sua rede social Truth, uma das muitas esquisitices do que não tem cabimento — da maneira esdrúxula de se comunicar com um país ao pretexto de que Jair Bolsonaro está sendo injustiçado pelo STF.

Num texto padrão que tem enviado aos países de todo tipo alegando em geral razões econômicas para impor tarifas de 20% a 35%, Trump adicionou o que chamou de "caça às bruxas", referindo-se à ação no STF contra Bolsonaro, que, advertiu imperialmente, "deve terminar imediatamente", para justificar a oneração de 50% das exportações brasileiras aos EUA, um recorde, a partir de 1º de agosto.

Misturou a agrura de Bolsonaro pelo seu golpismo com dados falsos sobre a balança comercial, que há mais de 10 anos favorece aos EUA, e tascou que qualquer tarifa retaliatória será adicionada aos 50%. Convenhamos, isso não é linguagem entre adultos civilizados.

Empresário polêmico dublê de político, narcisista, mitômano e com a ideia fixa de que os EUA são os otários do livre mercado global, razão pela qual decidiu tarifar as exportações da poderosa China ao quase irmão Canadá, Trump chega ao sexto mês de seu segundo governo ainda mais errático e ameaçador, além de confuso.

O tarifaço é tão irracional, tão sem propósito e distante do que a tecnocracia trumpista idealiza para cortar a dependência externa dos EUA e conter a China, que não me surpreenderia se Trump, nos próximos dias, anunciar que atendeu ao apelo de Bolsonaro, "herói da resistência democrática" em seu roteiro de programa de podcast, e perdoar a "multa" de 50%. Mas com outro aviso: estará de olho no que farão o STF e o governo Lula. Ele quer dominar a narrativa.

Inteligência está escassa

Entende-se que Lula tenha ficado possesso. Todos ficamos, até os setores da direita, exceto a mais reacionária. Mas com a China de Xi Jinping mais poderosa que nunca, a Rússia de Putin e devaneios soviéticos atolada na Ucrânia e os EUA do MAGA, de Faça a América Grande Novamente, agindo para desestabilizar a ordem global do pós-guerra, a inteligência estratégica está escassa no Brasil.

Tais precedentes não o contiveram. Pareceu que esperava por um Trump destrambelhado para sair das cordas agitando a bandeira da soberania e acuar Bolsonaro, o filho Eduardo (autoexilado nos EUA para atiçar o trumpismo e tentar salvar o pai de uma pena severa) e o governador Tarcísio de Freitas, seu provável rival em 2026.

Neste jogo de cena, as consequências para o país estão em segundo plano, com o petismo e a direita antecipando a campanha eleitoral agendada para começar, oficialmente, só em agosto de 2026. Mal...

O jogo eleitoral deve ficar embolado por ora. É possível que um jogo ensaiado leve Trump a atender os apelos do empresariado mais atingido pela sanção tarifária, com a mediação de Tarcísio, já que as sondagens ao STF para permitir Bolsonaro ir a Washington foram negativas. Tarcísio procurou o encarregado de negócios da Embaixada dos EUA, Gabriel Escobar, e foi bem recebido.

Importante, a esta altura, é apagar o incêndio geopolítico, seja a iniciativa de quem for, de preferência com todos em sintonia.

Índia é o cavalo premiado

Apesar de a botinada de Trump animar o governismo, a ponto de os partidos de esquerda terem mobilizado 15 mil pessoas num protesto quinta à noite na avenida Paulista, não se deve esquecer de que o Brasil é só mais um no embate do governo dos EUA com o mundo.

Canadá, parceiro de todas as guerras dos EUA tal como Inglaterra e Austrália, foi contemplado com tarifa geral de 35%, e mesmo já tendo cedido na tributação das big techs — um dos pontos de atrito com o governo brasileiro e o STF, com a judicialização do tema.

O Vietnã, que tem agigantado seu superávit comercial em cima dos EUA, esperava simpatia. Chegou a anunciar a compra de jatos F-16, algo surpreendente para um país comunista, que esteve em guerra com os EUA. Recebeu tarifa de 20%, quando esperava manter os 10% atuais, igual à do Brasil antes da pancada desta semana.

A própria China tem manifestado moderação, depois de acompanhar os tarifaços de Trump com sanções equivalentes. Ambos recuaram, o secretário do Tesouro, Scott Bessent, assumiu as negociações com o conselheiro pessoal de Xi, e ambos comunicam que há progressos.

Mas o cavalo premiado dessa corrida é a Índia de Narendra Modi, um nacionalista habilidoso, que pede tratamento especial. É o país de maior crescimento econômico do mundo, com o 4º maior PIB, e o mais estratégico no Brics depois de China e acima da Rússia. É potência nuclear e detém tecnologia militar avançada. Na cúpula do Brics, não endossou as críticas de Lula a Trump, além de dizer não concordar com um sistema de pagamento fora da órbita do dólar.

Tais credenciais levam Modi a esperar que Trump não lhe envie uma "cartinha" como tem feito com os demais governos. A expectativa é que sua tarifa seja abaixo de 20%, contra os 26% propostos.

Perigoso mesmo é o Centrão

Nossos governantes e políticos só têm a ganhar nesta discussão se forem menos provincianos. Não fazemos parte do tal "eixo do mal", como os EUA pintam China, Coreia do Norte, Irã e Rússia, nem se supõe que Trump espere, de fato, que o Congresso ou o STF anistie Bolsonaro e seus golpistas só porque ele mandou. Menos, gente...

Se as partes puserem Google, Microsoft, AWS, Nvidia na mesa, provavelmente o tarifaço seja adiado sine die e a conversa sobre tarifa seja mais fluída. Acabar, elas não vão, ao menos enquanto Trump tiver maioria no Capitólio. Além disso, a incerteza vai crescer. Depois das tarifas, deverá entrar em cena a tributação dos capitais externos aplicados nos EUA como havia até 1984 (30%).

Portanto, haverá muito suor adiante. Que não nos distraia do que é relevante e que depende apenas de nós. O projeto que propõe dar isenção do IR até R$ 5 mil, por exemplo, prevê compensar a perda de receita com a oneração de 10% dos lucros distribuídos a pessoas com renda mensal superior a R$ 50 mil. Isso fará a tributação do capital produtivo subir dos atuais 34,0% para 40,6%. É no way!

Foi só o governo liberar o pagamento de emendas e otras cositas más para o tal centrão parar de cantar de galo. Sinceramente, isso é mais preocupante que o humor vacilante de Trump.